# Carnap e o princípio da tolerância - 28/11/2023

\_Fala do pragmatismo de Carnap\*\*[i]\*\*\_  
  
Como a ciência conhece o mundo? Por qual método e fundamentos? Essas são  
questões levantadas pelo Círculo de Viena dada a preocupação em se fazer com  
que a Filosofia siga o caminho da Ciência, tornando-se uma \_filosofia  
científica\_. O pensamento científico tinha, naquela época (década de 20), como  
inimigos a metafísica e a teologia e como aliados o liberalismo, o empirismo,  
entre outros. Utilizando-se da análise lógica fundada por Frege e Russell  
seria possível mostrar que a grande parte dos enunciados metafísicos eram  
contrassensos.  
  
Inspirados pelo Tratactus, os intelectuais do círculo pretendiam que a  
filosofia fizesse o esclarecimento lógico dos pensamentos, clarificando as  
proposições e buscando um dizer cristalino. Carnap relembra a luta histórica  
contra a metafísica já empunhada pelos céticos gregos e que se valeria da  
incipiente lógica moderna. Proposições que envolvem termos como Ideia,  
Absoluto, coisa em si, por exemplo, não faziam sentido, nada significavam,  
segundo ele. A filosofia científica seria moral e social, promovendo o  
progresso e retomando o ideal iluminista.  
  
Eles publicam um manifesto que divide os enunciados da ciência empírica e os  
da metafísica que seriam um “sentimento perante a vida”, mas que deveriam ser  
expressos pela arte, já que a teoria deve descrever o mundo e ser verdadeira  
ou falsa. A linguagem conduz a erros metafísicos e o pensamento de gabinete  
não alcança o mundo. Intuições intelectuais não vão além delas mesmas, e a  
crítica do ex-neokantiano Carnap atinge os juízos sintéticos a priori  
kantianos[ii], como a aritmética: “7 + 5 = 12”[iii], criticada pelo logicismo  
que via essas proposições como analíticas. Também a geometria euclidiana  
estaria ligada à nossa intuição espacial que, com o aparecimento das  
geometrias não euclidianas do século XIX, elas mostrariam que não há relação  
com a percepção sensível, não passando de convenções, isto é, postulados  
coerentes e não necessários – não a priori. Por fim, o terceiro exemplo de  
Kant [sobre juízos sintéticos a priori] das três leis fundamentais de Newton é  
refutado pelo próprio avanço da ciência, como a relatividade e mecânica  
quântica, tornando-o falso em alguns casos. Verdades sintéticas (com conteúdo)  
a priori não são viáveis e todo o conhecimento sintético é a posteriori,  
baseado na empiria e as verdades a priori são analíticas.  
  
Não obstante essa “limpeza de terreno”, para ser significativa uma proposição  
deve seguir critérios como o método de sua verificação e conhecer suas  
condições de verdade no âmbito da experiência, sua adequação com a realidade.  
Sistemas filosóficos se digladiam porque seus enunciados não são verificáveis,  
não é possível verificar seus “estados de coisas” que podem acontecer ou não.  
Se sabemos o sentido de um enunciado, podemos saber se ele é verdadeiro ou  
falso por experiências que nos apoiariam a decidir por um enunciado P a ser P  
ou não P. \_Significado e verificação são os critérios utilizados por Carnap,  
sabendo que a proposição P é verdadeira, isto é, quais suas condições de  
realização, conheceríamos o seu significado.\_  
  
Outro ponto destacado por Plastino é que, para Carnap, a representação mental  
vai além do enunciado. A expressão “Vou sentar no banco da praça” pode causar  
uma representação mental de um banco cinza, sem encosto. Diferentemente da  
representação factual do enunciado, essa é uma representação acompanhante do  
objeto que não faz parte dos fatos acerca dele e que são teoricamente  
irrelevantes, embora de importância prática que pode se dar pela arte.  
Cientificamente, é a realidade empírica que importa, independentemente do  
ponto de vista filosófico, por exemplo, uma montanha ser real ou se a  
realidade é oriunda de nossa percepção. Ou seja, a metafísica confunde  
representações acompanhantes e factuais e seus enunciados não têm significado  
teórico (V ou F).  
  
A disputa entre realistas e idealistas não deveria tentar explicitar como é o  
mundo, mas como deve ser utilizada a linguagem, se fisicalista (utilizada pela  
influência de Neurath) ou fenomenista (linguagem de vivências, utilizada no  
Aufbau), pois essa é uma questão prática. Plastino enfatiza que Carnap defende  
um modo formal de falar e não um modo material, isso é, \_ao invés de falar das  
coisas trata de como falar das coisas\_ e questiona qual a linguagem mais  
coerente para falar do mundo (nível metalinguístico). Se usou a linguagem  
fenomenista das sensações, ele compreende que a linguagem fisicalista é mais  
adequada para a ciência já que pode ser compartilhada e atingir uma ciência  
unificada pelo uso da mesma linguagem.  
  
Entretanto, os membros do Círculo de Viena entenderam que o critério de  
verificação não é o mais adequado e começa a sua flexibilização, dada a  
\_dificuldade de verificação de alguns enunciados\_ (p.ex. “Toda esmeralda é  
verde.”). Ao contrário, é possível encontrar uma esmeralda não verde, mas isso  
depõe contra a universalidade da ciência. Uma alternativa é o critério de  
falseabilidade, e aqui cabe marcar uma distinção entre critério de sentido  
(empiristas) e de demarcação (Popper). Para este último, que entendia que a  
metafísica fazia sentido, o critério permitiria separar ciência e não ciência,  
embora ainda tendo dificuldades com questões existenciais, que não podem ser  
falsificadas, somente verificadas. Por fim, o critério da testeabilidade pelo  
qual os enunciados poderiam ser ou verificáveis ou falseados para poderem  
fazer sentido, que também apresenta dificuldades com enunciados universais e  
existenciais: Para cada substância (U), existe um ponto de fusão (E).  
  
Plastino mostra, com isso, as dificuldades dos empiristas lógicos com os  
enunciados e, por isso, Carnap destaca a sua interpretação parcial. Ele também  
trata da relevância preditiva, quando hipóteses sobre termos teóricos permitem  
agregar novas proposições a um sistema. (por exemplo, o inobservável elétron,  
o que não é o caso para o termo absoluto). Acaba que, por exemplo em  
Wittgenstein, algumas proposições metafísicas passam para o campo  
metalinguístico, como a lei de causalidade (Todo efeito tem uma causa) que não  
é uma lei científica, mas a forma das leis científicas, já que elas o  
respeitam. Enfatiza-se que a metafísica não fala do mundo, mas do discurso  
sobre o mundo, análise gramatical que pode tomar desde a sintaxe (símbolos),  
passando pela semântica (significado) até a pragmática (uso pelo sujeito). No  
seu texto de 34, Carnap sustenta que somente a análise sintática é suficiente  
para o trabalho de análise filosófica do discurso científico, do ponto de  
vista formal, sendo tolerantes a que forma da linguagem utilizar, já que são  
convenções a serem julgadas pelos seus resultados, evitando-se posições  
dogmáticas.  
  
Para ele, questões ontológicas podem dizer respeito a categorias sintáticas  
(coisa, fato, espaço) e outras a predicados específicos (cadeira, azul, hoje)  
muito diferente de questões como “Existem números?”, que abrangem a totalidade  
e se refere ao ambiente externo, fora do sistema linguístico já instituído. Já  
a questão ontológica “Existem água em Marte?” é uma questão teórica interna  
que pode ser respondida dentro de um sistema, com “Sim” ou “Não”. Sistema  
linguístico que pode ser fisicalista ou fenomenista, conforme já vimos, se é  
conveniente ou não para determinado propósito, se é simples, fecundo.  
  
Quine dirá que é a tolerância e o princípio experimental que devem ser usados  
para construir os sistemas linguísticos que serão usados pela ciência e  
avaliados de forma pragmática. Isto é, as regras de construção da linguagem  
devem ser tornadas claras e não há uma só linguagem logicamente correta, é o  
cientista que vai escolher entre uma e outra de maneira prática. Conforme  
James, o pragmatismo é uma atitude, não olha para princípios ou categorias,  
mas para as últimas coisas, os resultados. Encerrando, para Carnap, escolher o  
sistema é da ordem prática e, uma vez escolhido, dentro dele suas questões são  
teóricas.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Fichamento UNIVESP  
<https://www.youtube.com/playlist?list=PLxI8Can9yAHcC9hEv4oAnMT5GI1zGRW1\_>  
Empirismo e Pragmatismo Contemporâneos - Carnap e o princípio da tolerância.  
Prof. Caetano Plastino.  
  
[ii] Aqui cabe lembrar que o racionalismo kantiano não é feito de  
conhecimentos inatos, mas de uma estrutura espaço temporal que permite  
conhecer – conforme as aulas do professor de filosofia de hoje e sempre: Vitor  
Lima, do INEF: <https://www.youtube.com/@istonaoefilosofia>.  
  
[iii] Não é mera tautologia já que fala do mundo, mas independentemente dele,  
já que é condição de possibilidade da própria experiência.